

# BOLETIM DE CONJUNTURA

58

# 2016

## 2º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

peessoas ao serviço

**A P I C C A P S**

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Correspondendo às expectativas existentes, no segundo trimestre de 2016, a indústria portuguesa de calçado teve um desempenho positivo, com a produção, as encomendas e o emprego a crescerem face ao período anterior, enquanto os preços se mantiveram estáveis. Num contexto de retoma da atividade, aumentaram as preocupações com o abastecimento e, sobretudo, com o preço das matérias-primas, bem como com a escassez de mão-de-obra qualificada. A maioria das empresas considera que o estado atual dos negócios é suficiente mas, em comparação com 2015, as que pensam que piorou são mais do que as que acreditam que melhorou.

O desempenho recente da economia portuguesa e a incerteza que rodeia as perspetivas para a economia europeia no pós-Brexit traduzem-se em expectativas muito cautelosas para o próximo trimestre, com as empresas a admitirem um acréscimo da insuficiência de encomendas do estrangeiro, mas a larga maioria dos inquiridos acreditam que o estado dos negócios não registará alterações de monta.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

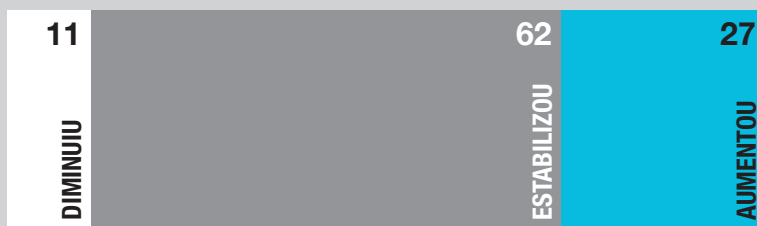
Com o apoio do programa COMPETE

**Coordenação Técnica**

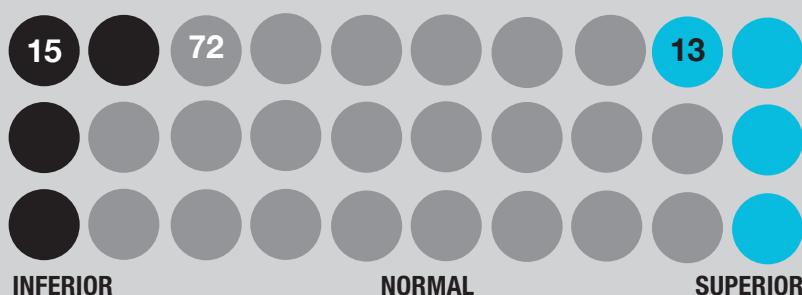
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da  
Universidade Católica Portuguesa, Porto

# Produção

Depois de três trimestres de evolução negativa, no segundo trimestre de 2016 registou-se uma forte recuperação da atividade da indústria portuguesa de calçado, com as empresas que afirmam que a produção aumentou a superarem em 16 pontos percentuais (p.p.) as que dizem o contrário. Esta recuperação, que está em linha com as previsões formuladas no trimestre anterior, foi mais acentuada entre as empresas de maior dimensão e entre as mais orientadas para os mercados externos.



# Utilização da Capacidade



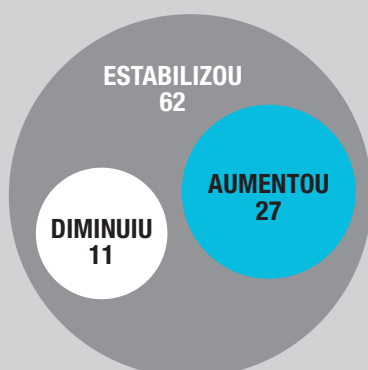
Traduzindo também uma recuperação da situação conjuntural, a percentagem de empresas que consideram a utilização da capacidade produtiva normal para a época do ano aumentou para 72%. Embora as empresas que consideram que a utilização da sua capacidade está abaixo do normal continuem a superar as que pensam o oposto, este saldo de respostas extremas (s.r.e.) é agora de apenas -2 p.p., o valor mais favorável dos últimos dois anos.

# Carteira de Encomendas

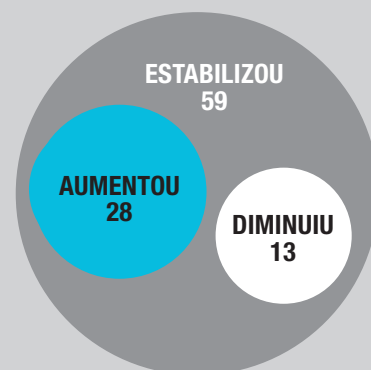
À semelhança da produção, também as encomendas registaram uma clara tendência de crescimento face ao primeiro trimestre, tal como então previsto, com um saldo de respostas extremas de +16 pontos percentuais relativamente à evolução da carteira global de encomendas. As empresas orientadas para o mercado interno entendem unanimemente que a carteira de encomendas estabilizou, o mesmo acontecendo com as que têm mais de 250 trabalhadores.

As respostas relativas à carteira de encomendas do estrangeiro são muito semelhantes, com cerca de 60% das empresas a apontarem para a estabilização das encomendas e, entre as restantes, as que beneficiaram de um aumento a superarem as que sofreram uma diminuição em 15 p.p. De assinalar que o s.r.e. é positivo qualquer que seja a opção das empresas em termos de peso da coleção própria nas vendas.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



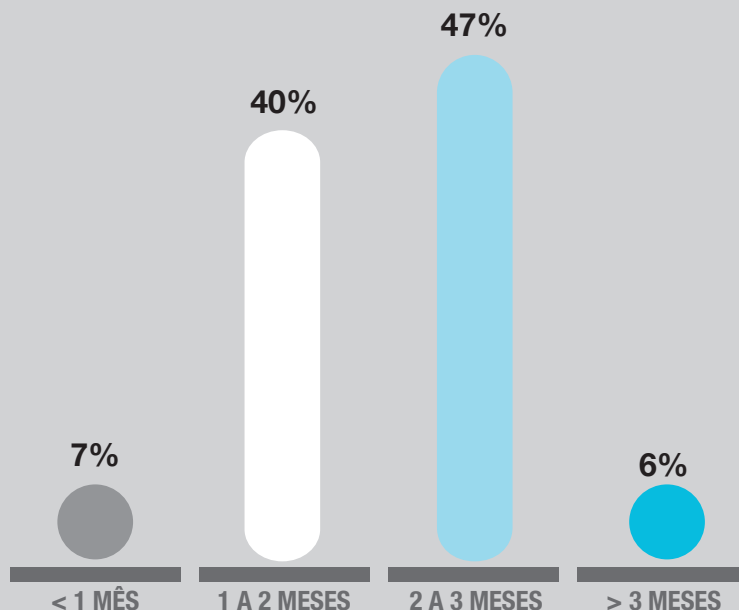
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



# Horizonte

## PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

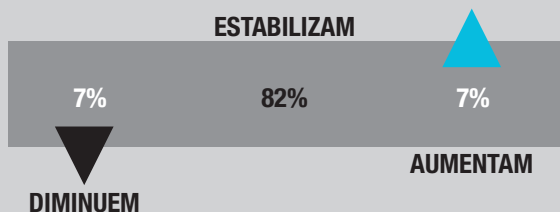
Quase metade (47%) das empresas afirma ter dois a três meses de produção assegurada pela carteira de encomendas. A percentagem das que dizem ter menos de um mês de produção garantida (7%) mantém-se próxima dos níveis mais baixos desde que se publica este boletim. As respostas mais favoráveis, correspondentes a mais de 3 meses de produção assegurada, proveem unicamente de empresas sem coleção própria ou que se dedicam em exclusivo à coleção própria.



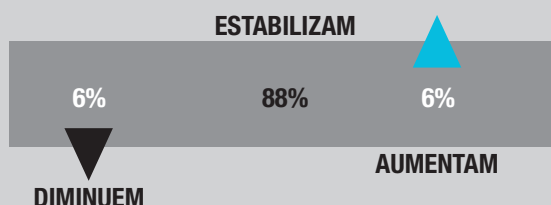
# Preços

As respostas das empresas apontam para a absoluta estabilidade dos preços: para além de quase 90% afirmarem que assim aconteceu, a percentagem das que dizem que aumentaram é exatamente igual à das que afirmam que diminuíram, resultando num saldo de respostas extremas nulo, tanto no que respeita aos preços em Portugal como nos mercados internacionais. As empresas que se dedicam menos a coleção própria mostram-se, no entanto, um pouco mais satisfeitas com a evolução dos preços, sobretudo no mercado nacional, nenhuma delas dizendo que desceram.

## EM PORTUGAL



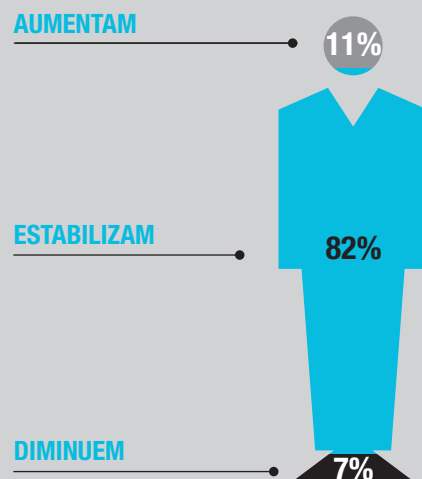
## NO ESTRANGEIRO



# Pessoas ao serviço

## EVOLUÇÃO DO EMPREGO

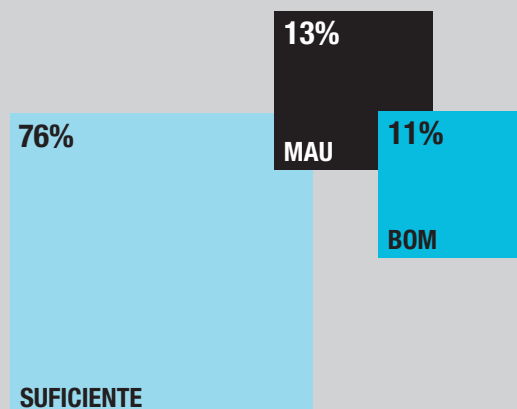
Pela primeira vez no último ano e meio, as empresas que afirmam ter aumentado o número de pessoas ao serviço excederam as que disseram tê-lo diminuído, gerando um s.r.e. de +4 p.p. Também nesta matéria, as respostas são mais favoráveis entre as empresas com opções extremas em termos de coleção própria, não a vendendo ou dedicando-se a ela em exclusivo. No entanto, como habitualmente, a larga maioria dos inquiridos (81%) declaram que o número de pessoas ao seu serviço permaneceu estável.



# Estado dos negócios

Apesar dos sinais positivos patentes nas respostas anteriores, a degradação da conjuntura que se verificou nos últimos trimestres leva a que seja agora ligeiramente maior o número de empresas que afirmam que o estado dos negócios é mau do que o das que dizem o contrário, gerando um s.r.e. de -2 p.p. No entanto, como também acontecia no trimestre anterior, três quartos das empresas entendem que o estado dos negócios permanece suficiente.

A insatisfação das empresas é mais evidente quando têm que comparar o estado atual dos negócios com o verificado um ano antes, caso em que o saldo de respostas extremas atinge -10 pontos percentuais. Ainda assim, este valor representa uma recuperação face ao registado no primeiro trimestre, refletindo a evolução positiva da produção e encomendas no período agora terminado.



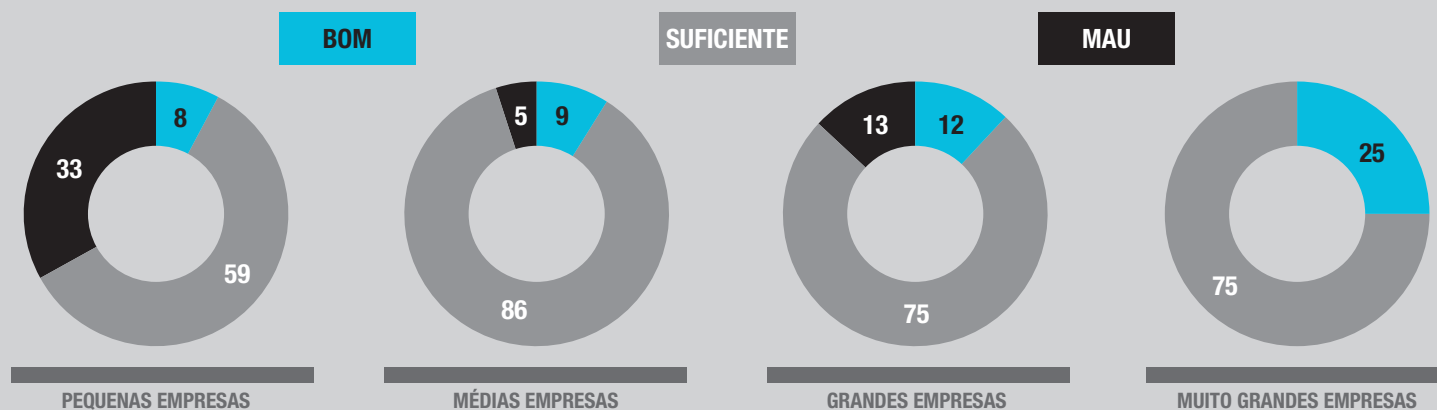
## PERÍODO HOMÓLOGO



## I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

No segundo trimestre, foram as pequenas empresas que se mostraram mais insatisfeitas com a conjuntura, apresentando um s.r.e. de -25 p.p., enquanto entre as muito grandes empresas nenhuma considerou o estado dos negócios mau. Não há uma relação linear entre a orientação de mercado e a opinião sobre o estado dos negócios: as empresas fortemente exportadoras são

as que se mostram mais satisfeitas mas a avaliação da situação é pior quer entre as que se dedicam exclusivamente à exportação quer entre as mais orientadas para o mercado nacional. Já quanto ao peso da coleção própria nas vendas, as empresas que se lhe dedicam em exclusivo são as que se mostram mais satisfeitas com a conjuntura.



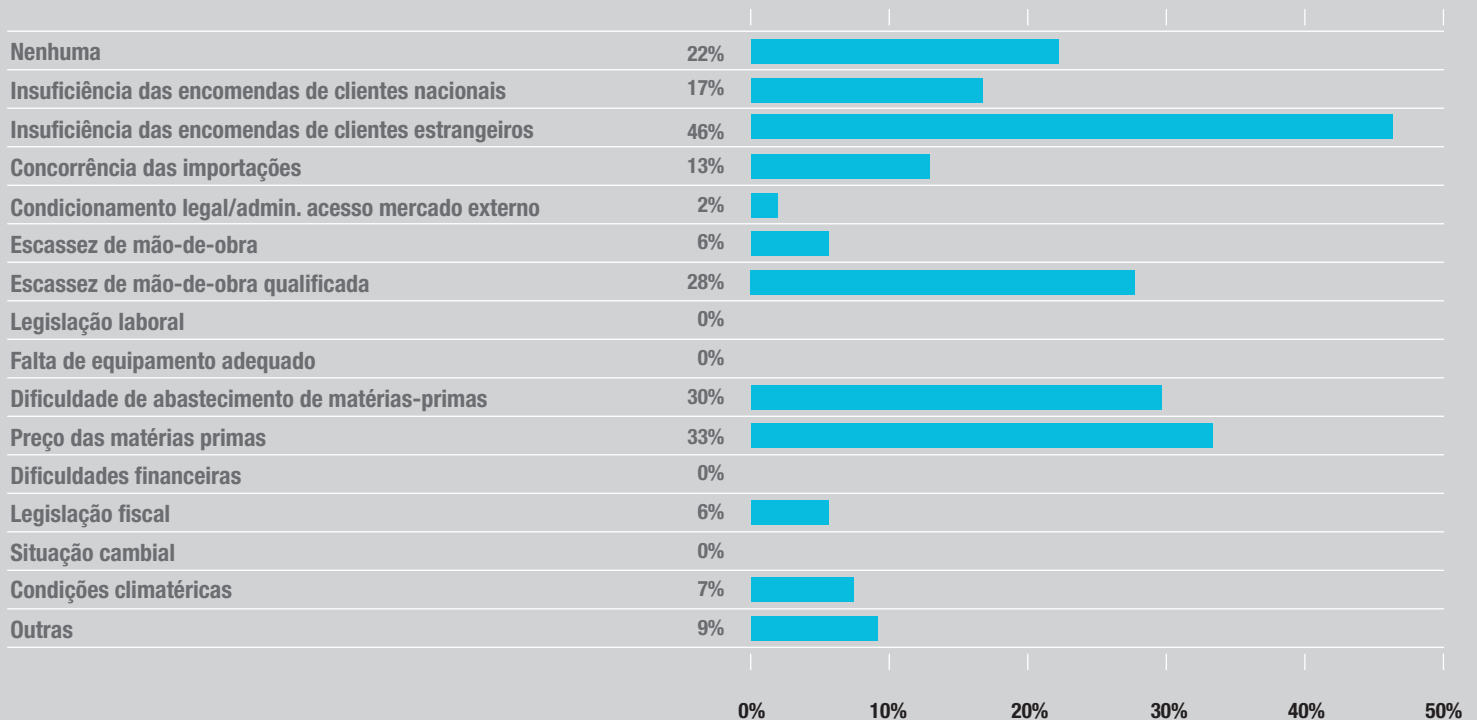
# Limitações à produção

As respostas das empresas relativamente às principais limitações que enfrentaram são consistentes com o cenário de recuperação da atividade anteriormente traçado.

Em consonância com o fortalecimento da carteira de encomendas acima descrita, verificou-se uma redução generalizada e mais acentuada do que o previsto nas referências a limitações de mercado: a percentagem de empresas que se debate com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros caiu de 62% para 46%, a das que sentem insuficiência de encomendas de clientes nacionais de 23% para 17% e a das que se referem à concorrência das importações de 25% para 13%. É entre as pequenas empresas que estas limitações são mais frequentemente mencionadas. Houve também um abrandamento nas referências a dificuldades decorrentes das condições climáticas ou de “outros” fatores não especificados.

Em contrapartida, no segundo trimestre, as empresas da indústria do calçado sentiram dificuldades acrescidas no abastecimento de alguns fatores de produção, como é habitual quando a atividade acelera. Em particular, as referências a dificuldades de abastecimento de matérias-primas aumentaram para 30% e o seu preço preocupa 33% das empresas inquiridas. Estas são agora as principais preocupações da indústria, logo atrás da insuficiência de encomendas do estrangeiro. Mas também se verifica uma preocupação acrescida no domínio dos recursos humanos, em especial com a escassez de mão-de-obra qualificada que afeta 28% dos inquiridos.

Pela primeira vez desde que se realiza este inquérito, nenhuma empresa mencionou a legislação laboral entre as principais dificuldades que enfrenta. A falta de equipamento adequado e a situação cambial não mereceram também qualquer referência, como já é habitual. Finalmente, nenhuma empresa declarou enfrentar dificuldades financeiras e a percentagem das dizem não se debater com nenhuma dificuldade manteve-se estável em 22%.



# Tendências da produção

A maioria das empresas (58%), nomeadamente entre as mais orientadas para o mercado interno, prevê manter o seu nível de produção no terceiro trimestre de 2016. Entre as restantes, as que receiam uma diminuição excedem

ligeiramente as que acreditam num aumento, gerando um s.r.e. de -4 pontos percentuais. As expectativas negativas em relação à evolução da produção são crescentes com a orientação para os mercados externos.

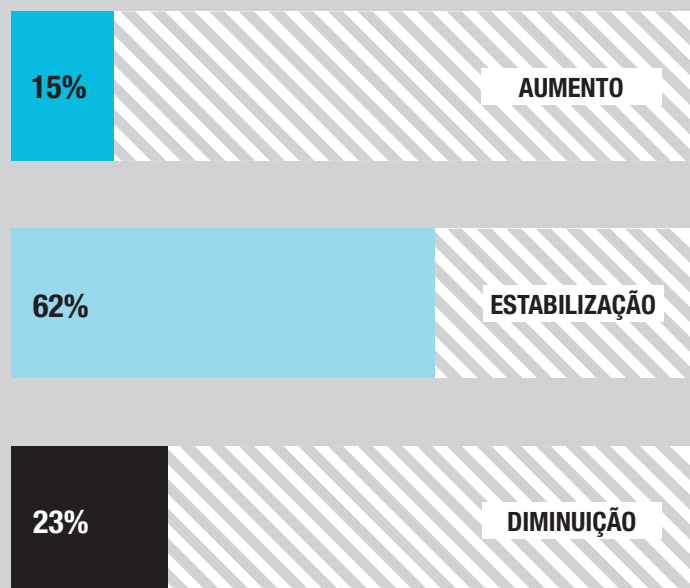


# Perspectivas de encomendas

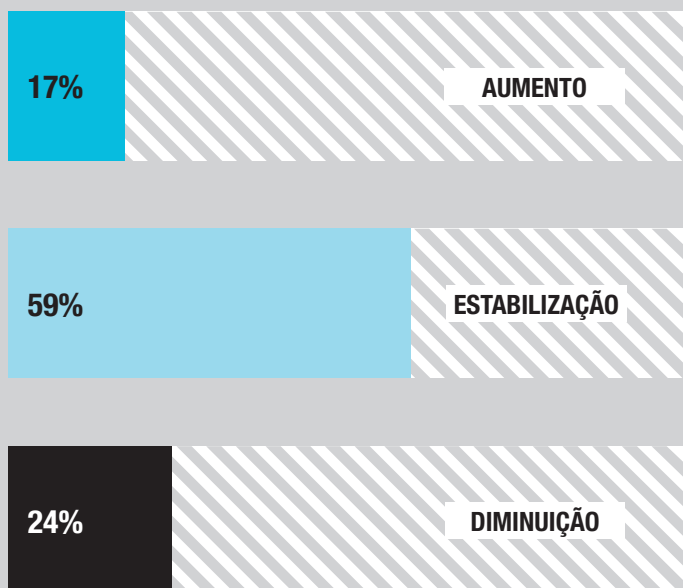
A expectativa de estabilidade é também dominante relativamente à evolução da carteira de encomendas, quer em termos globais (62%), quer quanto às provenientes do estrangeiro (59%). Em ambos os casos, as previsões de diminuição da carteira excedem as de aumento, gerando saldos de respostas extremas de

-8 p.p. e -7 p.p., respetivamente. Estes saldos negativos resultam sobretudo das respostas das empresas maioritariamente orientadas para os mercados externos. As pequenas empresas mostram-se mais otimistas do que as restantes, apresentando s.r.e. positivo.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

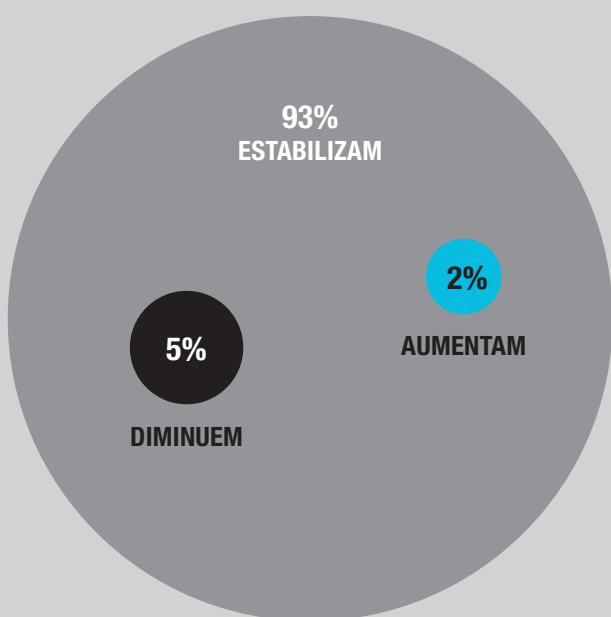


# Perspetivas de preços de venda

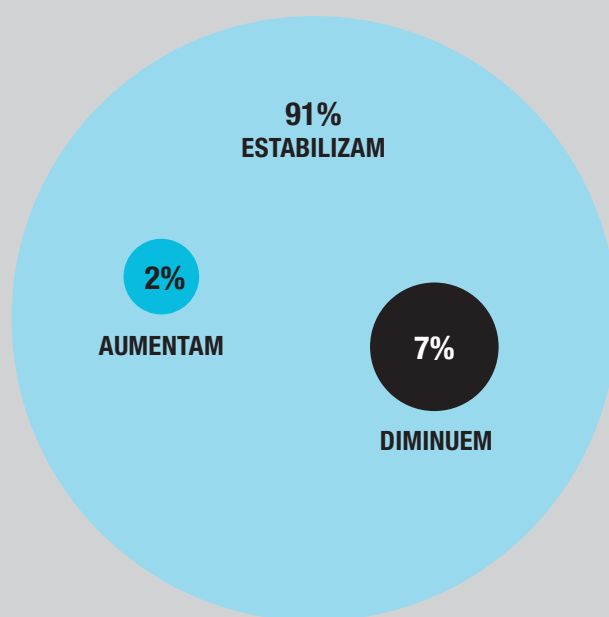
As empresas são quase unânimes na previsão de que, durante o próximo trimestre, os preços se manterão estáveis: 93% afirmam que assim acontecerá em Portugal e 91% no estrangeiro. No entanto, entre os restantes inquiridos, os que preveem a diminuição dos preços são

mais do que os que acreditam no seu aumento, originando saldos de respostas extremas de -3 p.p., no que respeita a Portugal, e -5 p.p., quanto aos mercados internacionais. Neste último caso, trata-se do saldo mais negativo dos últimos sete anos.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

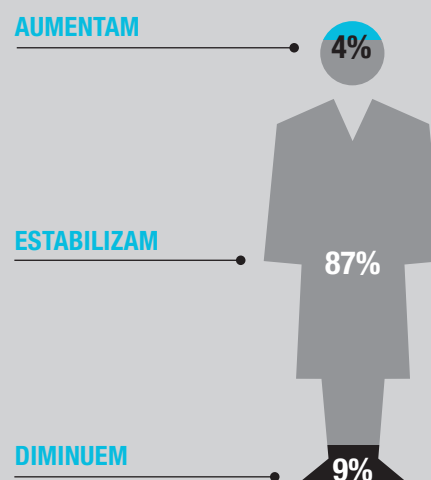


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



# Perspetivas sobre o emprego

As perspetivas de estabilidade são também largamente dominantes no que respeita à evolução do emprego: 87% das empresas preveem não alterar o número de pessoas ao seu serviço durante o verão deste ano. Mas também nesta matéria as previsões de sentido negativo são mais comuns do que as de aumento, o que acontece pela primeira vez nos últimos 5 trimestres, sendo o saldo de respostas extremas de -5 pontos percentuais.

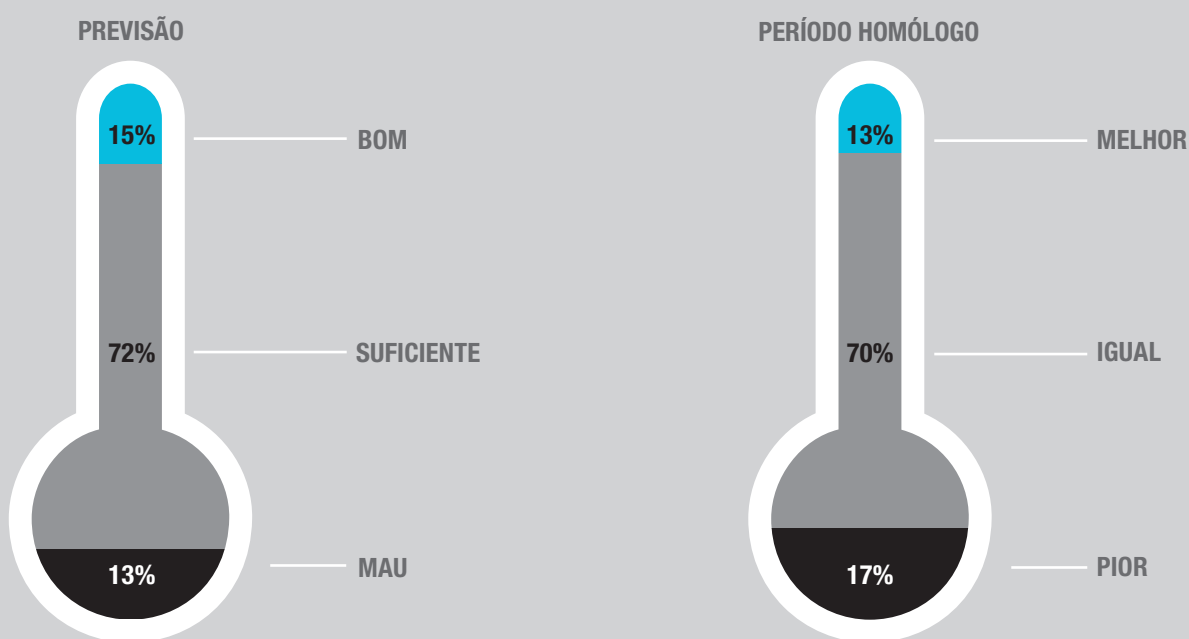




# Perspetiva sobre o estado dos negócios

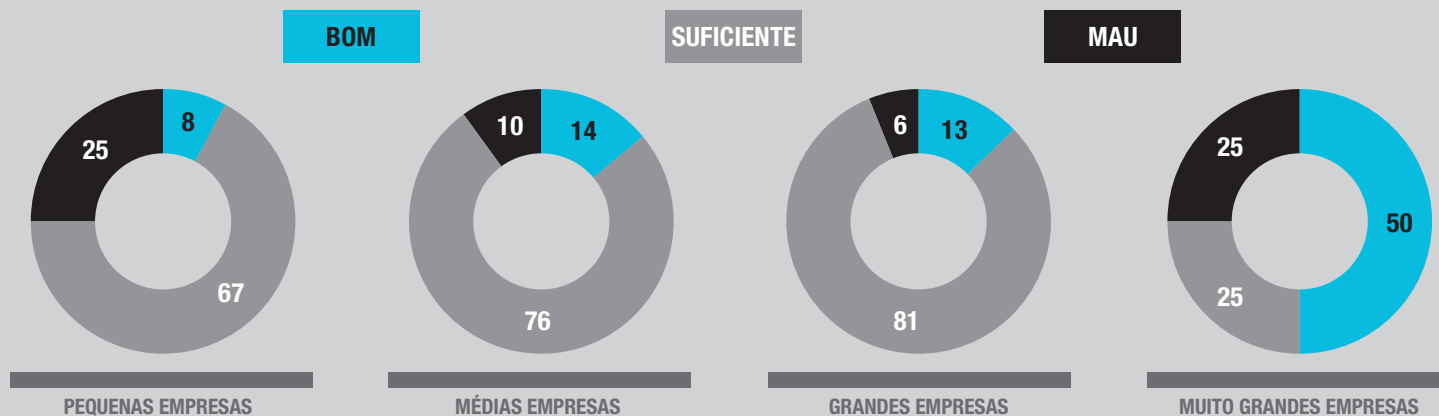
Quase três em cada quatro empresas acreditam que o estado dos negócios no terceiro trimestre será suficiente, percentagem semelhante às das que consideram que assim aconteceu no trimestre transato. No entanto, ao contrário do que agora aconteceu, as empresas que acreditam que o estado dos negócios será bom excedem as que receiam que seja mau em 2 p.p.

Ainda assim, comparando o estado dos negócios esperado para o terceiro trimestre com o verificado no período homólogo do ano anterior, as empresas que preveem a deterioração da conjuntura são mais numerosas do que as que acreditam na sua melhoria (s.r.e. -4 p.p.). Mas 70% dos inquiridos preveem que a situação seja idêntica à então verificada.



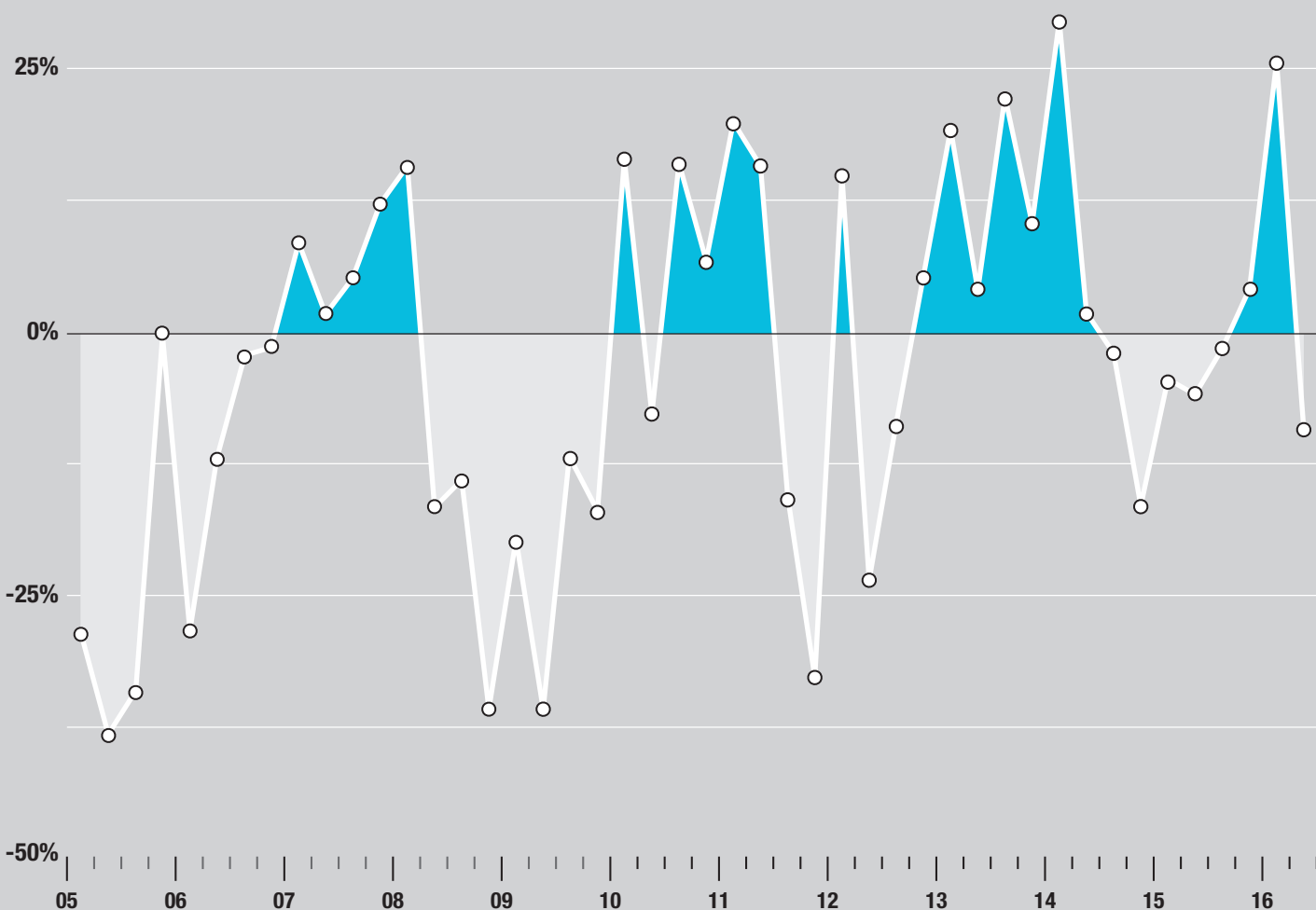
## Apuramento dos resultados

As expectativas relativas ao estado dos negócios são mais favoráveis entre as empresas de maior dimensão: o saldo de respostas extremas atinge +25 p.p. entre as muito grandes empresas e só é negativo entre as pequenas. Neste trimestre, a orientação de mercado das empresas não tem relação significativa com as previsões nesta matéria: as empresas dedicadas exclusivamente à exportação são as que apresentam opiniões mais polarizadas com a maior percentagem, simultaneamente, de previsões de que o estado dos negócios seja bom e mau.



# Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

O indicador síntese de expectativas empresariais regressou a terreno negativo (-9 pontos percentuais), depois de dois trimestres positivos, refletindo as previsões negativas relativas à maioria dos itens sobre que as empresas são inquiridas. O indicador apresenta agora o valor mais baixo do último ano e meio.



A percentagem de empresas que afirmam esperar não ter nenhuma dificuldade no próximo trimestre (22%) é idêntica à das que dizem não as ter enfrentado no agora terminado. Para o terceiro trimestre, as empresas preveem que a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continue a ser a principal limitação com que estarão confrontadas e, aliás, com uma importância acrescida: 50% dos inquiridos incluem este fator entre os que mais os preocupam para o próximo trimestre quando só 46% o mencionaram relativamente ao transato.

Também o preço das matérias-primas deverá continuar a ganhar peso entre as limitações à atividade, sendo mencionado por 37% das empresas. Em contrapartida, as empresas que preveem dificuldades relacionadas com o abastecimento em matérias-primas (26%) são menos do que as disseram tê-las enfrentado no segundo trimestre. A escassez de mão-de-obra qualificada é igualmente mencionada por menos empresas (24%) do que as que se lhe referiram neste trimestre.

---

# Notas de Conjuntura

Na sua Síntese Económica de Conjuntura de Junho, o Instituto Nacional de Estatística dá conta de sinais de um andamento hesitante da economia portuguesa no segundo trimestre deste ano:

“(…) o indicador de atividade económica diminuiu em abril e maio, depois de ter estabilizado no mês precedente. O indicador de clima económico estabilizou em junho, após ter aumentado nos três meses anteriores. O indicador quantitativo do consumo privado desacelerou em maio, refletindo o crescimento menos expressivo do consumo corrente. No mesmo mês, o indicador de Formação Bruta de Capital Fixo diminuiu (…). Excetuando combustíveis, as exportações e importações apresentaram variações de 0,8% e de 3,3% em maio (1,2% e 3,5% no mês anterior). Considerando a atividade económica na perspetiva da produção, o índice de volume de negócios da indústria registou variações nominais negativas nos últimos meses, o que refletirá sobretudo variações negativas de preços, uma vez que o índice de produção industrial, embora em desaceleração, manteve um crescimento positivo em maio.”

INE, Síntese Económica de Conjuntura, Junho de 2016

Em julho, o Núcleo de Estudos sobre a Conjuntura da Economia Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa reviu em baixa as suas previsões para o crescimento da economia portuguesa:

“(…) Os riscos para a economia são agora predominantemente descendentes, destacando-se uma forte preocupação com a evolução do investimento que voltou a recuar no início do ano, sugerindo que o processo de recuperação da economia portuguesa sofreu uma interrupção. Assim, o NECEP revê em baixa para 0.9% a previsão de crescimento para 2016, uma redução de 0.4 pontos percentuais (p.p.) face à previsão anterior que corporiza uma clara desaceleração relativamente a 2015 (crescimento de 1.5% que já tinha ficado aquém das expectativas). Já para 2017, a projeção central do crescimento é de 1.1%, também uma revisão em baixa face à previsão anterior (de 0.6 p.p.), tendo em conta os sinais de adiamento no investimento, as perspetivas mais baixas de crescimento na zona euro (1.2%) e as necessidades adicionais de ajustamento orçamental nos próximos dois anos.

Os principais riscos da economia portuguesa continuam a ser de natureza financeira, quer os relativos à capitalização do setor bancário, quer ao processo de consolidação das finanças públicas, que deixou de ser uma prioridade de política económica para o Governo. (..) as decisões das autoridades sobre o futuro do Reino Unido na União Europeia transformaram-se no risco central da conjuntura económica internacional”

NECEP/CEA Católica Lisbon, Síntese da Folha Trimestral de Conjuntura n°45, 2º Trimestre de 2016

O Fundo Monetário Internacional atribui também grande importância ao resultado do referendo no Reino Unido e reviu em baixa as suas previsões para a economia internacional:

“O resultado da votação no Reino Unido, que surpreendeu os mercados financeiros globais, implica a materialização de um importante risco negativo para a economia mundial. Consequentemente, as perspetivas globais para 2016-17 pioraram, apesar de um desempenho melhor do que previsto no início de 2016. Esta deterioração reflete as esperadas consequências macroeconómicas de um considerável aumento da incerteza, incluindo a vertente política. Prevê-se que esta incerteza tenha um custo em termos de confiança e investimento (..)

A estimativa base para o crescimento global foi ligeiramente revista em baixa face ao WEO de abril 2016 (em 0,1 pontos percentuais para 2016 e 2017 ...). As revisões relacionadas com o Brexit concentram-se nas economias europeias avançadas (..)

Entre as economias avançadas, o Reino Unido teve a maior revisão (..) com o crescimento revisto em baixa em 0,2 pontos percentuais para 2016 e em quase 1 ponto percentual em 2017. (..)

Na área euro, o crescimento de 2.2 por cento no primeiro trimestre foi superior ao esperado, refletindo uma forte procura interna – incluindo alguma retoma do investimento. (..) a perspetiva de crescimento teria sido revista em ligeiramente alta relativamente à previsão de abril se não fossem as consequências do referendo no Reino Unido. (..) o crescimento para 2017 foi revisto em baixa em 0.2 pontos percentuais relativamente a abril enquanto que ainda se prevê que o crescimento de 2016 seja ligeiramente mais alto, dados os resultados da primeira metade do ano.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook (WEO) Update, Julho 2016

**PORTU  
GUESE  
SHOES**  
DESIGNED BY  
THE FUTURE